

'O déficit público ainda pode ser zerado'

CECILIA COSTA e LÉA CRISTINA

O professor de economia Sérgio Werlang, que em fins de janeiro tomou posse como diretor da Escola de Pós-Graduação em Economia (EPGE), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), acha que o Governo ainda tem chances de zerar o déficit público, este ano, se for aprovado

o Fundo Social de Emergência.

Werlang não chega a lamentar que o Governo não tenha conseguido elevar a tributação das empresas. Ele não considera aumento de imposto tão necessário. Prova disso são as discussões que tem tido com a mulher, Maria Sílvia Bastos Marques, secretária municipal de Fazenda do Rio, sobre a alíquota do ISS:

— Ela adora cobrar impostos. E eu detesto

que me cobrem. A alíquota do ISS sobre o faturamento da minha empresa (a GW Consultoria) é de 5%, o que considero alto, se já pago 6% de IR. Mais aí ela diz: se queremos fazer um Rio melhor, tem que ser assim — conta.

Se o Fundo for aprovado, em sua opinião o Governo deveria adotar a dolarização logo, sem correr os riscos da criação da URV. Ou

seja: indexador, não; moeda nova, sim. Moeda que — aliás — ele espera que não seja substituída tão cedo e que não tenha, em curtíssimo prazo, que se tornar parte de sua coleção de cédulas antigas, seu principal hobby.

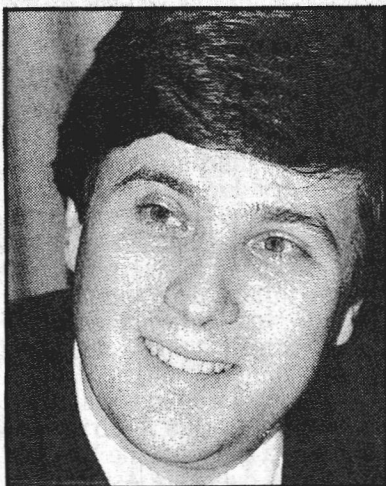
— Sou um grande colecionador, sobretudo de cruzeiros — diz Werlang, orgulhoso. Mas sonhando com uma moeda mais estável.

O GLOBO — O senhor havia afirmado que o ajuste fiscal proposto pelo Governo era até forte demais, que havia margem de negociação. Sem a elevação de impostos para empresas, mas com a aprovação do Fundo Social de Emergência, o Governo zera o déficit?

que uma parcela venha a ser utilizada com fins eleitorais, não seria muito significativa, porque o fundo é muito grande. Teria dinheiro para burro.

O GLOBO — Mesmo que o Governo não consiga reter recursos do Fundo dos Estados e Municípios o senhor ainda acha a aprovação do Fundo Social de Emergência vital?

WERLANG — Mesmo assim. O mais importante é o Governo poder não gastar 15% ou até 20% do que tem que gastar. Mesmo que a parte de estados e municípios siga para seu destino, a retenção de parte das demais contas do Orçamento é vital. Porque haveria uma retenção de Cofins, contribuição sobre a folha salarial, PIS-Pasep, Finsocial, seguridade, enfim, todas as destinações de verbas. A princípio o Governo tinha uma folga de US\$ 6 bilhões (1,5% do PIB). Perderia US\$ 2,7 bilhões com a não retenção dos 15% dos estados e muni-



cípios. Perdeu US\$ 500 milhões a US\$ 800 milhões com a não aprovação da medida 407. Mas ainda sobra uma margem. Não pode perder é o fundo.

O GLOBO — Quer dizer que se o Congresso tivesse aprovado todo o projeto do Governo, haveria superávit este ano?

'O Governo criou a URV para poder recuar. Tem medo de inflação em dólar'

WERLANG — Sim. A folga era de US\$ 6 bilhões no Orçamento original. Mas há algumas coisas que não sei avaliar direito: mais gastos com Judiciário, Legislativo e militares. A confusão de números é tanta que fiquei sem saber até mesmo quanto seria a dotação orçamentária da EPGE. Mas acho que ainda é possível zerar o déficit.

O GLOBO — É possível então prosseguir com o plano?

WERLANG — Do ponto de vista econômico, sim. Agora, é grande a importância política do Fernando Henrique para apoiar as coisas. O uso político grande foi agora. Daqui por diante, tem que manter as coisas. Fazer o Itamar vetar a medida de reintegração de funcionários. Evitar gastos suplementares. Enfim, coisas que ainda precisam de apoio político, mas, certamente em nível menor.

O GLOBO — O senhor já disse que se o ajuste for bom, qualquer medida de desindexação derruba a inflação. Mas o professor Mário Henrique Simonsen está fazendo um alerta sobre o risco de hiperinflação. Acredita que haja risco?

WERLANG — Há riscos, sim. Mas se o ajuste fosse para valer, os riscos seriam pequenos. Ago-

ra, eu jamais correria os riscos, se estivesse na posição deles. Acho essa segunda fase totalmente desnecessária. Acho que tinha que dolarizar direto. Deixava todo mundo fazer contrato em dólar, se indexar ao dólar. Dava um mês, dois meses e fazia a dolarização. De preferência, diferente da Argentina: deixava o dólar flutuar livremente; o BC saía fora, passando apenas a controlar os juros sobre os títulos em dólar.

O GLOBO — Então por que eles inventaram essa segunda fase, em que se cria um indexador diário chamado URV?

WERLANG — Para poder recuar. Estão com medo de que produtos fiquem caros em dólar, como aconteceu na Argentina. A única maneira de fazer a dolarização, com flexibilidade para voltar atrás, utilizando fixação do câmbio, é fixar a moeda num instrumento (a URV) que depois você pode variar. Ou seja, fixar, **pero no mucho**.